



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 7, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.05>

Recebido em: **13/08/2020**

Aprovado em: **13/08/2020**

APRENDIZAGENS COLABORATIVAS NA/DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
JORNADA PEDAGÓGICA COMO POTÊNCIA FORMATIVA; COLLABORATIVE
LEARNING IN/FROM TEACHING IN BASIC EDUCATION: PEDAGOGICAL WEEK AS
FORMATION POWER; APRENDIZAJE COLABORATIVO EN/LA ENSEÑANZA EN
EDUCACIÓN BÁSICA: LA JORNADA PEDAGÓGICA COMO POTENTE ESPACIO DE
FORMACIÓN

CHARLES MAYCON DE ALMEIDA MOTA

<http://orcid.org/0000-0001-5927-3466>

LUCIANA DE ARAJO PEREIRA

<https://orcid.org/0000-0002-3439-0583>

Resumo

Com este trabalho buscamos compreender como a Jornada Pedagógica promovida pela rede municipal de ensino de Várzea do Poço/BA se apresenta como espaço de formação para professores e professoras. O texto busca evidenciar como podemos pensar outros modos formativos ao considerar os contextos da Educação Básica e as demandas da contemporaneidade. Utilizou-se a pesquisa narrativa como abordagem metodológica, tomando como dispositivo de pesquisa os relatos como texto de campo, dando enfoque a uma análise compreensivo-interpretativa por tomar as narrativas pelo lugar da interpretação do que é narrado e do contexto de quem narra. O trabalho evidencia que as Jornadas Pedagógicas se colocam como espaço fecundo para pensar os processos de educação, revelando as concepções de um fazer docente pautado nas acontecências do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Formação. Educação Básica, Jornada Pedagógica.

Abstract

With this work we seek to understand how the Pedagogical Week promoted by the municipal teaching network of Várzea do Poço / BA presents itself as a formation space for teachers. The text seeks to show how we can think of other training modes when considering the contexts of Basic Education and the demands of contemporary times. Narrative research was used as a methodological approach, taking the reports as a field text as a research device, focusing on a comprehensive-interpretative analysis by taking the narratives for the place of interpreting what is narrated and the context of the narrator. The work shows that the Pedagogical Week are a fertile space to think about the education processes, revealing the conceptions of a teaching practice based on everyday school events.

Keywords: Autobiographical narratives, teacher training, school success.

Resumen

Con ese trabajo buscamos comprender cómo la Jornada Pedagógica promovida por la red municipal de enseñanza de Várzea do Poço/BA se presenta como espacio de la formación para profesores y profesoras. El texto busca evidenciar como podemos pensar otros modos formativos al considerar los contextos de la Educación Básica y las demandas de la contemporaneidad. Se utilizó la pesquisa narrativa como abordagen metodológica, adoptando como dispositivo de la pesquisa los relatos como texto de campo, dando enfoque a una analisi compreensivo interpretativa por tomar las narrativas por lo sitio de la interpretación del que és narrado y del contexto de quien narra. El trabajo evidencia que las Jornadas Pedagógicas se ponen como espacio fecundo para pensar los procesos de educación, revelando las concepciones del hacer docente pautado en los acontecimientos del cotidiano escolar.

Palabras clave: Formación, Educación Básica, Jornada Pedagógica

Introdução

Há mais de uma década Várzea do Poço[i], interior da Bahia, vem desenvolvendo uma proposta de educação contextualizada para a convivência com o semiárido que toma como princípio a valorização de quem somos e dos espaços em que vivemos. Isso tem desencadeado inúmeras mudanças em diversos aspectos do nosso município, nos proporcionando a (re)invenção de práticas, técnicas e estratégias necessárias à superação de realidades que, durante muito tempo, nos colocou numa posição de inferioridade por ser quem somos e morar onde moramos.

O entendimento de formação que, ainda, era tomado como único modo de desenvolvimento dos processos formativos centrava-se em contratar palestrantes e mediadores que viessem realizar uma proposta de palestra e exposições sobre alguma temática referente às necessidades formativas do quadro docente. Mas, o que acontecia era que após a realização dessas palestras e exposições com pouca duração, não se tinha uma continuidade em relação às demandas e discussões que instigaram a proposta da temática abordada.

Era um processo que nos dava uma compreensão de formação como um movimento estanque e pontual, isso desencadeava formas variadas de reforço de uma formação centrada em concepções hegemônicas e, intencionalmente, instituiu para os(as) professores(as) uma isenção de co-responsabilidade no seu próprio desenvolvimento formativo para atuar na docência.

Então, passamos a entender que o movimento formativo na docência se apresentava de modo mais efetivo quando o grupo passava a entender que a formação para desenvolver a docência na Educação Básica passava pela produção de autonomia docente. Sendo assim, a Secretaria Municipal de Educação passou a ser provocada a desenvolver o processo formativo nas Jornadas pedagógicas, considerando as demandas educacionais do município, envolvendo profissionais da própria rede e, quando necessário, buscando apoio de outros profissionais especialistas em áreas mais específicas com o objetivo de fomentar o diálogo na rede, deixando indagações para que esse diálogo permanecesse em provocação ao longo do ano.

Para que tal proposta fosse colocada em prática de maneira a se efetivar significativamente, foi preciso fazer uma reconfiguração na organização do trabalho pedagógico em toda rede de ensino. Cabe ressaltar que foram muitos(as) os(as) professores(as) que abraçaram a proposta e conseguiram modificar suas práticas em sala de aula e até mesmo espaços da comunidade.

Ao considerar toda nossa trajetória como profissionais envolvidos(as) e comprometidos(as) com a Educação do nosso município cabe os seguintes questionamentos: quais princípios educativos motivam nossas práticas docentes? Nosso fazer docente tem considerado os(as) estudantes em seus aspectos pluridimensionais (social, econômico, cultural e cognitivo)? Indagações como estas sempre se fizeram presentes no movimento de formação que nos propomos a buscar ao desenvolver as propostas de formação com os(as) profissionais que compõem a rede municipal de ensino, tais questionamentos se colocam aqui como uma forma de (re)pensarmos nossas práticas para (re)tomarmos direções outras em nosso fazer docente.

Este movimento de formação na rede municipal de ensino em Várzea do Poço que estamos nos referindo sempre se inicia na Jornada Pedagógica proposta pela Secretaria Municipal de Educação com o apoio e colaboração de muitos(as) profissionais de seu quadro e de outros(as) profissionais que vêm representando universidades e grupos de pesquisas como forma de ampliação das discussões acerca das temáticas da formação que é proposta conforme nossas demandas.

Por entender que o processo formativo docente se dá num processo de construção de autonomia docente, consideramos neste estudo as concepções de Pineau (2014), por apresentar a teoria tripolar, que consiste num movimento que desencadeia a formação a partir de uma articulação pautada nas

perspectivas da autoformação, heteroformação e ecoformação.

Cabe enfatizar que essas perspectivas da teoria tripolar dão abertura para uma compreensão de formação que toma como pressuposto princípios formativos do conhecimento de si apresentados por Mota e Silva (2020), que dão centralidade às trajetórias de vida-escolarização-profissão de professores e professoras que vivem em comunidade com características de ruralidades ainda muito presentes e que demarcam modos de ser e a formação docente nessas comunidades.

Neste sentido, tomaremos aqui, a formação docente desencadeada pelos movimentos formativos que as Jornadas Pedagógicas desse município desenvolvem com a rede, como um espaço de diálogo e reflexão sobre nossos fazeres na docência, levando em conta os princípios formativos do conhecimento de si que Mota e Silva (2020) explicitam, a saber: autonomia; ação-reflexão-formação; auto/eco/conformação; reciprocidade e; diversidade.

Evidenciando a formação como processo que se constrói entre/com pares, considerando as realidades de vida nos contextos de diversidade em que estamos envolvidos(as), dando centralidade às demandas da Educação Básica anunciadas e denunciadas por quem a vive e produz fazeres docentes que respeitam docentes e estudantes como protagonistas e co-responsáveis em seu processo formativo.

Com isso, somos provocados a pensar as Jornadas Pedagógicas como espaços potentes de formação na educação Básica, entendendo-as como lócus das aprendizagens colaborativas na docência, que nos propõem indagações a respeito da formação e do nosso fazer docente.

Percursos metodológicos

A pesquisa narrativa vem sendo proposta aqui como uma perspectiva de potência para a produção de dados que possam revelar elementos que congreguem entre si e gerem condições para a interpretação e compreensão dos modos de ser, fazer e viver o cotidiano da escola sem desconsiderar uma hermenêutica do sujeito e nem o sujeito da hermenêutica.

Cabe explicitar que quando menciono a hermenêutica do sujeito estamos fazendo uma referência aos contextos de vida e outras condições elementares para a compreensão de como esse sujeito é, o que faz e quais sentidos empreende de sua vida e modos de ser. Para o sujeito da hermenêutica faço menção à relação ontológica (HEIDEGGER, 2015) em que serei eu, o autor e narrador, será o próprio sujeito a interpretar-se e compreender-se por si mesmo nesse movimento da pesquisa narrativa na roça.

Pensar a pesquisa narrativa neste íterim significa entendê-la em uma dupla dimensão, pois é possível tomá-la como método de pesquisa e enquanto abordagem formativa de pesquisadores(as), condição que nos remete pensar possibilidades outras que venham desencadear olhares por outras lentes e outros ângulos. Assim sendo, consideramos importante tomar como dispositivo de pesquisa relatos de professores e professoras da Educação Básica como texto de campo. Tais textos de campo são produzidos ao longo do nosso envolvimento na organização e participação das Jornadas Pedagógicas da rede municipal de ensino.

A elaboração dos relatos que apresentamos, configurados como textos de campo sobre os processos dessa proposta de formação, tem uma ancoragem na pesquisa narrativa em contextos da Educação Básica, revelando o que, onde e como foi acontecendo as aprendizagens durante a realização do próprio movimento de se fazer a pesquisa. Metaforicamente, comparada à trajetória construída pelos pesquisadores, essa proposta da produção dos textos de campo nos permitiu perceber como uma artesã faz com palhas de ariri[ii] para montar uma esteira e, ao mesmo tempo, observar como os fios de palha se reúnem e se atravessam, prendendo-se uns aos outros em uma grande tessitura.

Cabe destacar que essa pesquisa tem a colaboração de um participante, professor da Educação Básica, que atua na rede de ensino do município de Várzea do Poço/BA desde 2004 e, ao longo de sua trajetória profissional, ocupou o cargo de coordenador pedagógico e supervisor educacional por um período de 7 anos.

É importante mencionar que o dispositivo de pesquisa que está sendo posto, pode se colocar como espaço que estimule, também, uma formação como pesquisadores a desenvolver um movimento de dis-tanciamento[iii], como forma de interpretar e compreender os modos formativos que são produzidos em torno das propostas de Jornadas Pedagógicas para docentes da rede municipal de ensino.

Essa produção de textos de campo que propomos aqui possibilita a garantia da articulação entre os termos que atribui valor à pesquisa narrativa como referência de investigação fundada no movimento de pesquisar sobre experiências. Um espaço tridimensional compõe a base epistemológica da pesquisa narrativa por trazer a condição da interação, continuidade e situação.

Para Clandinin e Connelly (2015, p. 136),

O que é central para a criação de textos de campo é a relação entre pesquisador e participante. [...] A relação do pesquisador com a história em andamento do participante configura a natureza dos textos de campo e estabelece seu status epistemológico. Assumimos que um relacionamento embute sentidos nos textos de campo e impõe a forma com que o texto final de pesquisa será desenvolvido. [...] Os textos de campo criados podem ser construídos de forma mais ou menos colaborativa; podem ser mais ou menos interpretados.

Entendemos que a produção dos textos de campo, perpassa pela forma como compreendemos os contextos em que professores e professoras da Educação Básica estão inseridos, como também, seus movimentos formativos na docência. A construção dos textos de campo nos provoca realizar deslocamentos outros para entender os processos formativos desses(as) docentes e buscar pensar narrativamente sobre as experiências narradas.

Isso nos traz condições indagativas a respeito de nossas compreensões epistemológicas, desencadeando aprofundamento na análise dos relatos que se configuram nessas narrativas a respeito dos processos formativos que professores e professoras da Educação Básica encontram-se envolvidos, possibilitando a reconfiguração de sentidos que são produzidos na relação e envolvimento de quem pesquisa com quem participa dessa pesquisa.

Os textos de campo que se originam dos relatos de participantes da pesquisa narrativa são representados pelos modos de compreender e interpretar a docência que pesquisadores(as) narrativos se colocam a realizar, nisso está embutido como pesquisadores(as) narrativos a experiência de narrar a experiência narrada através de relatos sobre processos formativos na docência da Educação Básica.

Aqui, os relatos narrativos do participante da pesquisa se inter cruzam com modos de narrar a experiência de desenvolver uma pesquisa narrativa com professores e professoras da Educação Básica, evidenciando compreensões sobre a formação docente que considera as acontecimentos do cotidiano da escola, buscando como lastro para a análise dessas narrativas a proposição de um movimento interpretativo-compreensivo.

Para Souza (2012, p. 43),

A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a re-lação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação.

Considerar as narrativas à luz dessa proposta de análise é entender que as singularidades que se apresentam nas trajetórias de vida-profissão-formação por revelarem quem são e como narram os(as) envolvidos na pesquisa, que dão centralidade aos processos docentes, trazendo à tona modos de narrar e se implicar nos movimentos formativos que se propõem a participar numa perspectiva da co-responsabilidade.

Essa abertura que a perspectiva de análise interpretativo-compreensiva propõe para uma proposta de pesquisa que, busca nas narrativas docentes elementos que possibilitem entender como as aprendizagens colaborativas se efetivam a partir do envolvimento entre pares, numa condição da co-responsabilidade, nos propõe pensar com base nos princípios de horizontalidade.

Sendo assim, somos convocados por uma proposta de pensar narrativamente a formação docente dando ênfase aos contextos da Educação Básica em que nossa experiência como pesquisadores(as), transversaliza o processo de reflexividade formativa que esta proposição de pesquisa apresenta, por considerar a proposta de relatos dos(as) pesquisador(es) como um processo de reflexividade a respeito dos modos formativos instituídos a partir do envolvimento com a organização e participação das Jornadas Pedagógicas.

Com isso, tomamos os princípios da pesquisa narrativa como oportunidade de fazer uma exploração da capacidade que esta tem de explicar e abstrair o contexto em que vivencia sob uma ótica de contemplação e compreensão de seu eu (SOUZA & PASSEGGI, 2013). Além disso, tais princípios são também tomados por conta das condições que esta abordagem de pesquisa se coloca como possibilidade formativa, considerando as experiências que logramos ao longo de nossas trajetórias como docentes que nos afetamos com os movimentos que realizamos e nos envolvemos.

Jornadas pedagógicas: espaços potentes de formação de/com professores(as)

Tomar a formação pelo lugar da construção coletiva entre pares tem fundamentos numa perspectiva que se apresenta com/no envolvimento num processo colaborativo, em que docentes produzem entendimentos outros sobre a formação docente, levando em conta seus próprios percursos formativos desencadeados de suas trajetórias de vida-escolarização-profissão como elemento provocativo para pensar os fazeres da docência na Educação Básica.

Neste contexto, encontra-se a experiência que professores e professoras constroem e consideram como elemento potente nessa formação que vai sendo tecida nos encontros, nas formas de envolvimento e exposições que cada docente se propõe a fazer. Isso passa a ser constitutivo desse processo formativo evidenciado pelo professor Josevaldo[iv] em seu relato.

Por compreender que minha experiência como professor da rede municipal de educação em Várzea do Poço tem grande relevância para pensar os movimentos formativos que eu e muitos de meus pares constituímos ao longo das Jornadas Pedagógicas que foram sendo tecidas no coletivo e para o coletivo de professores(as). (Josevaldo, Texto de campo, 2020)

Pensar narrativamente esse movimento que se coloca como espaço fecundo de aprendizagem e formação docente, vai se re-velando a partir das narrativas de professores e professoras que desenvolvem seus fazeres na docência da Educação Básica, evidenciando modos próprios de compreender como a formação docente vai sendo tecida no âmbito das Jornadas Pedagógicas.

Como podemos perceber na narrativa do professor Josevaldo, a grande relevância neste movimento formativo é seu envolvimento e oportunidade de construção de um espaço fecundo e de diálogo entre pares. A coletividade e os sentidos que são produzidos nesses movimentos de participação e construção da própria formação se apresentam como potência formativa nos contextos da Educação Básica.

É fundante pensar as Jornada Pedagógicas como espaço de formação, considerando a perspectiva da pesquisa narrativa por possibilitar um movimento de reflexividade a partir de nossos percursos na docência, tomando como ponto de partida e condição provocativa a experiência de relatar sobre as experiências que professores(as) ex-põem ao vivenciarem as propostas de formação que cada Jornada Pedagógica apresenta.

Discutir sobre práticas que demandem uma concepção de uma formação desenvolvida com professores(as) que atuam na Educação Básica tem se colocado como um movimento complexo que requer buscar compreender os princípios que sustentam o fazer/ser pedagógico de cada pessoa envolvida no processo educacional. Por isso, é importante perceber que esses princípios estão atrelados ao que somos e ao que pretendemos fazer.

Cabe apresentar algumas reflexões que tem motivado a proposição de temáticas que se colocam como indagações à formação docente no contexto da educação pública municipal em Várzea do Poço/BA, possibilitando maior abertura de professores e professoras da rede a buscarem dialogar sobre as demandas que tem se apresentado nos espaços das escolas.

A sociedade atual mais tem pensado no futuro do que construído ações do presente, se deixando levar por uma empolgação dos discursos (NÓVOA, 1999). Vivenciamos um momento de liquidez na identidade (BAUMAM, 2005), na qual, ninguém é essência, mas uma subjetividade que se complementa a partir de vivências individuais e coletivas de um ser singular e plural (JOSSO, 2006).

É preciso termos cuidado com discursos simplistas que não consideram a complexidade, o que leva a não perceber o que se encontra nas entrelinhas desses discursos que apresentam termos da ideologia dominante (FOUCAULT, 2001), servindo para amparar qualquer coisa que se queira discutir, mas sem nenhuma consciência crítica do que realmente se pretende disseminar, principalmente no que diz respeito ao campo da educação em que temos o retrato do futuro, que não necessariamente deve ser distante.

Baseados nas provocações que são geradas a partir dos movimentos contestatórios realizados por grupos constituídos de minorias políticas, somos convidados a refletir a respeito de como desenvolvemos nossos fazeres na docência, de modo a valorizar e potencializar as vivências individuais e coletivas de seres singulares e plurais que ocupam os espaços das nossas escolas.

As narrativas do professor Josevaldo, nos propõem compreender que as Jornadas pedagógicas passam a se constituir como lugar de proposições de uma formação que leva em conta a realidade de seus contextos de atuação, demandando reflexões a respeito de seus fazeres na docência.

Nossas Jornadas Pedagógicas têm motivado docentes a repensarem suas práticas a partir de indagações e desafios demandados pela contemporaneidade. Tal situação, reflete nossas concepções de educação

como rede, bem como, a compreensão de que todo o processo de educação, que nos propomos a desenvolver como professores(as) que se propõem a questionar sua própria prática docente, emerge a partir daquilo que vivemos em nossas escolas. (Josevaldo, Texto de campo, 2020)

Conforme as narrativas de professores e professoras da Educação Básica, são as acontecências (SILVA, 2017) do cotidiano escolar que nos provocam a (re)pensar outros modos formativos que não se privem a apenas propostas de uma formação pontual que não leve em conta o todo que compõe este cenário educacional.

Vale ressaltar que, esse cenário educacional tem sido permeado por variados questionamentos e problemáticas sobre a diversidade que pulsa nos espaços das escolas. Para o professor Josevaldo, as problemáticas tecem-se em torno das tessituras do cotidiano educacional no município e se apresentam como indicativos de debates, embates e reflexões a respeito de muitos aspectos que têm implicações diretas e indiretas com o trabalho docente, instigando o redimensionamento das concepções sobre a função social da escola, sobretudo no que tange aos fatores históricos, políticos, econômicos e culturais.

Tais indicativos tem se colocado para nós como uma demanda a ser tomada como elemento de reflexão e proposição temática para abordagens mais aprofundadas, tendo início na Jornada Pedagógica com o propósito de que as discussões e estudos sobre cada temática se estenda ao longo do ano letivo através das práticas docentes desenvolvidas nas escolas da rede municipal de ensino. (Josevaldo, Texto de campo, 2020)

Quando o professor evidencia que há a necessidade de aprofundar nas abordagens que cada temática abarca, o faz de maneira que possamos compreender que, ainda, são inúmeros os desafios em buscar pensar uma proposta de educação que se propõe a trazer as demandas e marcadores sociais da contemporaneidade para o centro das nossas formações. Uma vez que, precisam lidar com os resquícios de uma base formativa que teve grande vinculação às questões fundamentalistas que são vinculadas aos grupos hegemônicos e dominantes.

Temos notado que o enfoque dominante tem sido visto como excludente, justamente daqueles(as) que, durante muito tempo, suportaram as imposições de pensamentos baseados nas estruturas políticas dominantes (BHABHA, 2013), sendo forçados(as) a sobreviver em condições de vida indignas, por explicitarem seus posicionamentos e comportamentos do estranho (BAUMAN, 2005). Assim, mesmo percebendo a transitoriedade e a flexibilidade contidas nos sentidos das vivências, na contemporaneidade, a escola, como um espaço de acolhimento das muitas maneiras de ser e viver, não tem demonstrado um posicionamento condizente com essa dinâmica.

Com isso, somos desafiados(as) a reinventar e ressignificar nossas práticas pedagógicas como um pressuposto para lidar com as diferenças e outras demandas que foram surgindo a partir dos movimentos que os grupos constituídos pelas minorias políticas organizam, intensificando a luta pela reivindicação de espaço, dignidade e identidades que foram negadas ou suplantadas por concepções calcadas no fundamentalismo e na lógica dos grupos hegemônicos.

Por isso, somos provocados(as) a pensar a educação pelo lugar da transformação, já que esta nos remete à reflexão e ao questionamento sobre práticas e fazeres docentes desenvolvidos nas última décadas, que podemos considerar como relevantes ou não, levando em conta as mudanças que ocorreram e vem ocorrendo na sociedade a partir das influências dos movimentos desencadeados pelos diversos modos de ser, agir, pensar e fazer na contemporaneidade como possibilidade de compreensão da vida e dos contextos em que ela acontece.

Esses movimentos são resultados dos processos de “superação de condições de desigualdades sociais e de invisibilidade das minorias políticas existentes; (...) necessidade de construção de novas identidades; necessidade de superação de uma visão maniqueísta; (...) participação cidadã e concretização efetiva e real da democracia” (MOTA, SILVA E RIOS, 2018, p. 853).

Neste sentido, a formação docente tem ganhado perspectivas outras que dão centralidade a aspectos inerentes aos contextos de vida dos sujeitos que acessam os espaços escolares. Isso vai nos desafiando a superar a visão de que não é mais suficiente para o(a) professor(a), na contemporaneidade, o domínio das técnicas e metodologias específicas à sua área de formação.

Diante disso, cabe o entendimento de que faz parte dessa perspectiva outra da formação docente, encontrar possibilidades formativas no fazer da experiência que se desdobra do envolvimento com as pessoas numa proposta educacional que valoriza e respeita o jeito de ser e pensar dos sujeitos na contemporaneidade, das narrativas e/ou histórias de vida desses sujeitos, seus dilemas e utopias, desafios e possibilidades, potenciais que são (re)velados.

Seguindo nesse propósito de encontrar possibilidades formativas que possa valorizar o jeito de ser e pensar dos sujeitos, tomamos os princípios formativos do conhecimento de si, apresentados por Mota e Silva (2020) como relevantes para construção de uma concepção formativa que tenha lastro para acolher e valorizar os modos de ser e viver de estudantes e professores(as) da Educação Básica.

A docência se constitui como atividade complexa, em que a formação cotidiana, pela vivência e produção de experiência na escola, determina modos de ser e de fazer a educação acontecer [...]. Nesse sentido, a formação congrega elementos do cotidiano da docência [...], que se fundamentam na auto/eco/coformação, autonomia docente, na ação-reflexão-formação, na diversidade e na reciprocidade como marcas de um processo de formação que se vivencia e experiência. (MOTA e SILVA, 2020, p. 26)

Um processo formativo que pretende buscar fundamentação na própria docência e na experiência que professores e professoras da Educação Básica produzem, pode ser compreendido como um movimento que envolve e requer co-responsabilidade docente em seu processo formativo. Então, é importante que no decorrer de um processo de formação e atuação docente, professores e professoras construam autonomia profissional, tomando posicionamentos que congreguem com posturas condizentes de uma fazer na docência pautado na valorização de si e do outro (MOTA E SILVA, 2020).

Outro ponto relevante neste movimento de co-responsabilidade docente em seu processo formativo, está centrado no princípio da ação-reflexão-formação (MOTA E SILVA, 2020) que dá num processo de circularidade e retroalimentação, em que podemos tomar a ação como elemento de reflexão do fazer na docência e, a partir disso, pensar processos de nossa própria formação.

Com o princípio da auto/eco/coformação (MOTA E SILVA, 2020, p. 20), produzimos um espaço de formação pela/na coletividade de professores e professoras numa dinâmica de interdependência que se faz presente nas dimensões relacionais que docentes da Educação Básica necessitam estabelecer em meio a esse movimento formativo que requer co-responsabilidade mediada e motivada pelas perspectivas da “(autoformação), com seu espaço de vivência e convivência (ecoformação), responsabilizando-se pelo seu processo de formação e de seus pares (coformação), construindo um espaço de negociação e diálogo”.

Entendendo que consideramos os princípios formativos do conhecimento de si, há uma dinamicidade em que um princípio acaba desembocando no outro, com isso, compreendemos que a reciprocidade

decorre da construção da autonomia docente que professores e professoras da Educação Básica produzem, sendo assim, o princípio da reciprocidade leva em conta o conhecimento de si, que por sua vez, insurge dos processos de construção da identidade e valorização da diferença nos contextos da educação, trazendo para o centro das discussões as relações interculturais (MOTA E SILVA, 2020).

Neste sentido, tem-se o quinto princípio formativo como a diversidade, pensado a partir dos contextos de invisibilidade e marginalização de grupos constituídos pela diferença, Mota e Silva (2020, p. 22) entendem:

a diversidade como uma das dimensões da profissão docente é compreendida como uma concepção que agrega valor ao fazer docente por possibilitar espaço para a intermediação de conflitos que surgem nas relações que acontecem no ambiente escolar, objetivando a valorização do sujeito em sua pluridimensionalidade.

Os contextos da docência na Educação Básica tem se colocado, na contemporaneidade, como espaço desafiador, em que as ações docentes que valorizam os princípios de uma formação que toma como pressuposto para sua prática os modos de viver, fazer e pensar, vem sendo contestadas por lógicas de grupos hegemônicos, como uma forma de invalidar o poder de transformação de professores(as).

Com isso, professores(as) vão encarando esses desafios, sendo resistência e buscando desenvolver um trabalho que possa garantir a construção de um espaço educacional que prima por oferecer condições e possibilidades de existir, compreendendo que é de grande importância pensar modos formativos que integrem um fazer docente que entende o ser como abertura e potência.

Pensar um fazer docente desencadeado por práticas educativas no/do cotidiano escolar, nos provoca a perceber possibilidades de olhar os contextos da Educação Básica por outras lentes e outros ângulos. Então, consideramos importante, neste processo formativo um efetivo encontro, em que a produção de um espaço para diálogos e provocações se institua como parte elementar que compõe estes modos formativos.

É no/com o envolvimento de professores(as) que teremos oportunidade de produzir um entendimento a respeito de modos formativos, como oportunidade de compreender a formação a partir de nossas narrativas docentes e das histórias de vida de sujeitos sociais que tecem a vida e constroem seus entendimentos a respeito da educação.

Para o professor Josevaldo, tecer a vida e produzir entendimentos sobre um fazer docente que é provocado a uma reflexão, como forma de (re)ver pontos e direções que leve em consideração a escola como lugar da diversidade, perpassa pelos modos como professores e professoras de sua rede significam a formação.

As Jornadas Pedagógicas de Várzea do Poço têm significado para nós professores(as) uma espaço potente de formação que congrega valor e possibilidades outras de (re)pensar nosso fazer docente, considerando outras práticas inspiradas na Educação Contextualizada, nos propondo condições de/para (re)ver alguns pontos direcionadores de uma reflexão que tenha em vista a compreensão de como a escola, na contemporaneidade, tem abordado o interculturalismo. (Josevaldo, Texto de campo, 2020)

Neste raciocínio, as formações, nas jornadas pedagógicas da rede municipal, se propõem tensionar

situações em que a ideia de formação seja ancorada nas teorias pós-críticas de currículo, em que ganham centralidades a alteridade e os processos identitários. Nesta seara, as jornadas constituem-se enquanto espaços por meio dos quais se problematizam o fazer docente, na perspectiva de saber se as práticas docentes têm oferecido elementos que criem condições de valorização das identidades e diferenças dos estudantes, como uma tentativa de mobilizar elementos que possam ir de encontro às amarras que ainda permeiam os espaços escolares.

Desse modo, tem sido de grande importância propor como temática e possibilidade de formação um movimento propiciador de tecimentos de diálogos e provocações que leve em conta os contextos da escola, buscando pensar a respeito de uma educação como processo colaborativo que reflete as ações de cada pessoa envolvida, sendo necessário um repensar constante conforme as demandas e desafios que os contextos da Educação Básica nos apresenta.

Cabe ressaltar, que as narrativas sobre o movimento formativo desencadeado pelo processo de formação que constitui cada Jornada Pedagógica se coloca aqui como oportunidade de re-ver nossas experiências docentes a partir de um pensar narrativamente essas experiências, tomando como mote o narrar de professores e professoras da Educação Básica a respeito de espaços formativos que provocam a refletir sobre práticas docentes, sem desconsiderar os contextos de vida em que estamos inseridos, bem como, as demandas da contemporaneidade.

Considerações finais

Entendemos que as Jornadas Pedagógicas como espaço potente de formação docente na rede municipal de ensino do município de Várzea do Poço/BA tem se colocado como lugar de transformação que se sustenta a partir de provocações feitas por professores(as) engajados em seus contextos escolares e comunitário, sendo também, tomadas como oportunidade de promover propostas de formação que esteja pautada nos princípios de uma educação que se faz no acontecer da vida e das relações que dão sentidos e significância à vida, acreditando numa escola que se propõe a formar sujeitos com autonomia e protagonistas de sua própria vida.

Pensar a Jornada Pedagógica como espaço fecundo de discussão e ampliação das concepções sobre educação num contexto de mudanças e incertezas, é nos lançar a desafios de produzir um entendimento de formação docente de modo mais amplo e colaborativo, trazendo à baila demandas existentes em nossa escola de Educação Básica, (re)vendo processos que foram sendo desencadeados ao longo de nossas trajetórias de vida-formação-profissão.

Tomar a formação por este lugar de diálogos e provocações na Educação Básica, nos possibilita ser abertura. Ao nos colocar como abertura nos lançamos em nossas realidades de vida e profissão com condições de compreender os movimentos que acontecem no cotidiano da escola com outras lentes e de outras perspectivas, numa intenção de buscar acompanhar as propostas que chegam à educação e são provenientes dos processos e movimentos da contemporaneidade.

Neste caso, há uma grande potência em (re)ver condições como rede municipal de educação a partir de um pensar narrativamente esse movimento formativo que tem sido as Jornadas Pedagógicas. Pensar narrativamente a formação docente é nos propor a um envolvimento efetivo e afetivo com toda a experiência constituída no fazer e fazer-se sujeito da/na formação.

É importante mencionar aqui, que a pesquisa narrativa nos provocou a re-pensar a respeito de nossas práticas docentes, trazendo à tona possibilidades formativas na docência que toma como centralidade dessa formação os processos de diálogos e provocações com nossos pares. Narrar a experiência, neste contexto, significa que as Jornadas Pedagógicas tem sido o espaço fecundo de aprendizagens colaborativas e dos tensionamentos que produzimos no campo da educação.

[i] Considerado como município rural por ter uma base de renda centrada na agricultura familiar e na pecuária, contando com uma população de 8.809 habitantes, distribuídos em 5.810, residentes na sede e 3.098 residentes em roça e povoados. Várzea do Poço/BA está localizada no semiárido do Nordeste, na 13ª microrregião de Jacobina/BA e na mesorregião do centro norte baiano, fazendo parte do Território da Bacia do Jacuípe. Situa-se a 331 km da capital, Salvador/BA, pelas rodovias BA-417, BR-324 e estrada vicinal, e conta com uma área territorial de 221,3 km², fazendo limite com os municípios baianos de Serrolândia, Mairi, Piritiba, Miguel Calmon e Várzea da Roça. (VÁRZEA DO POÇO/BA, 2015)

[ii] Palmeira nativa da caatinga que serve como matéria prima para produção de ração animal e artesanato de esteiras, cestos, sacolas, chapéu, etc.

[iii] Utilizamos esse termo a partir do pensamento de Heidegger (2015) como forma de pensar nossa condição de narrador para uma dimensão da análise, que nos oferece oportunidades de uma contemplação fundamentada em princípios epistemológicos, nos ajudando a pensar sobre esse vivido num tempo presente.

[iv] Utilizamos nomes fictícios para preservação da identidade do colaborador da pesquisa, considerando importante a ética na pesquisa.

BAUMAM, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchin**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

JOSSO, Marie-Cristine. **Tempos Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LUCK, Heloísa. **Educação e Sustentabilidade**. 2002.

MOTA, Charles M. A.; SILVA, Fabrício O.; RIOS, Jane Adriana V. P.; Profissão docente e ruralidades contemporâneas: identidade e diferença nas escolas rurais. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, v. 12, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9370/5833>>. Acesso em: 23 de jan. 2019. p. 848-863.

MOTA, Charles M. A.; SILVA, Fabrício O.; Docência em classes multisseriadas na roça: modos de formar-se e compreender as diferenças. *Roteiro*. Joaçaba, v. 45, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/20903/14225>. Acesso em: 11 de agos. 2020. p. 1-26. DOI: <https://doi.org/10.18593/r.v45i0.20903>

NÓVOA, Antonio. O professor na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, V. 2, nº 1, p. 11-20, jan/junho 1999.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise interpretativo-compreensiva e políticas de sentido. **Educação**. Santa Maria, v. 39, n. 1. jan./abr. 2014. p. 39-50.

SOUZA, Cristóvão Pereira e PASSEGGI, Maria da Conceição. Videobiografias: um dispositivo pedagógico de escuta sensível de adolescentes abrigados. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin (Orgs.). **Pesquisa (Auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização**. Curitiba: CRV, 2013, p. 107-120.

VÁRZEA DO POÇO (BA). Decreto-lei nº 09, de 19 de junho de 2015. **Plano Municipal de Educação**. Arquivo da SME/Várzea do Poço-BA. 2015.

[1] Considerado como município rural por ter uma base de renda centrada na agricultura familiar e na pecuária, contando com uma população de 8.809 habitantes, distribuídos em 5.810, residentes na sede e 3.098 residentes em roça e povoados. Várzea do Poço/BA está localizada no semiárido do Nordeste, na 13ª microrregião de Jacobina/BA e na mesorregião do centro norte baiano, fazendo parte do Território da Bacia do Jacuípe. Situa-se a 331 km da capital, Salvador/BA, pelas rodovias BA-417, BR-324 e estrada vicinal, e conta com uma área territorial de 221,3 km², fazendo limite com os municípios baianos de Serrolândia, Mairi, Piritiba, Miguel Calmon e Várzea da Roça. (VÁRZEA DO POÇO/BA, 2015)

[2] Palmeira nativa da caatinga que serve como matéria prima para produção de ração animal e artesanato de esteiras, cestos, sacolas, chapéu, etc.

[3] Utilizamos esse termo a partir do pensamento de Heidegger (2015) como forma de pensar nossa condição de narrador para uma dimensão da análise, que nos oferece oportunidades de uma contemplação fundamentada em princípios epistemológicos, nos ajudando a pensar sobre esse vivido num tempo presente.

[4] Utilizamos nomes fictícios para preservação da identidade do colaborador da pesquisa, considerando importante a ética na pesquisa.

*Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, membro do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: charlesmaycon22@hotmail.com. Bolsista FAPESB.

**Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, membro do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: luckk_fsa@hotmail.com.